



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,  
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR  
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA  
I FAZENDO ARTE NORTE

**“SAI DESSE CORPO QUE NÃO TE PERTENCE!”:  
CONEXÕES ENTRE DISCURSOS EVANGÉLICOS  
E CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS DE PESSOAS  
TRANS E EX-TRANS**

GT 7: RELIGIÃO E GÊNERO EM ESPAÇOS PLURAIS

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Presidência da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, bolsista CAPES, em andamento). Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC. Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenação da Fogo Editorial. E-mail: edumeinberg@gmail.com.

## Introdução

Apresento aqui algumas observações sobre processos de arquitetura subjetiva de pessoas transgêneras e ex-transgêneras, conectados com determinadas concepções evangélicas – ou o que essas pessoas *fizeram* com o que dadas concepções evangélicas *procuraram fazer delas*. Utilizei como método de pesquisa o que convencionei *etnografia-história oral ciborgues*, a mescla entre esses dois campos realizada em ambientes tanto *on-line* como *off-line*, e o campo principal de pesquisa ocorreu em ministérios de “cura, restauração e libertação” de travestis.<sup>2</sup>

Esse texto está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, apresento alguns trechos de entrevistas, especialmente de missionárias/os de “cura e libertação” de travestis, procurando sinalizar algumas concepções sobre o corpo de gente trans\* e ex-trans\*. Na sequência, trago algumas reflexões, com o amparo de outras/os autoras/es, sobre a importância da *encarnação* e da *ressurreição* nos cristianismos, procurando articular rasurável e provisoriamente com algumas das concepções teológicas que escutei em campo. No fim de nossa travessia pelo texto, apresento algumas reflexões inconclusivas, de uma jornada que certamente não findou – afinal, trabalhar com história do tempo imediato é trabalhar com informações que são muitas vezes fugidias e corrediças. Uma intuição, nada original, é o fio condutor desse texto, a de que o corpo pode ser relacionado a um caminho (ou a descaminhos e recaminhos) – e que (re/des) caminhos, assim como corpos e gêneros (e quem sabe almas), podem ser (re/des) feitos / (re)desenhados a partir de discursos, inclusive religiosos.

## “Sai desse corpo que esse caminho não te pertence!” O corpo trans\* visto como deformado e merecedor de reformas

Iniciando a trajetória, faço uma pergunta inicial a quem lê o texto: você já escutou a expressão *sai desse corpo, que ele não te pertence?* A essa pergunta podemos relacionar ainda: *a quem pertence o*

---

<sup>2</sup> Este trabalho foi realizado por conta de meu doutoramento em História Social, em que procurei analisar algumas das formas como determinados discursos religiosos, especialmente de igrejas inclusivas e de ministérios de “resgate” de travestis reverberavam nas (re/des) carpintarias de gênero e religiosas de pessoas transgêneras, (ex)ex-transgêneras e em outras situações de transgeneridade ou entre-generidade. Esta tese de Doutorado em História Social, depositada em 2014 e defendida em 2015 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), recebeu orientação do Professor José Carlos Sebe Bom Meihy, e foi intitulada *(Re/des) Conectando gênero e religião: Peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook*. Esse texto para os Anais do Primeiro Simpósio da ABHR Norte foi publicado em 2016 na *Revista Brasileira de História das Religiões* e procura dialogar com o texto encaminhado para a Mesa Redonda sobre religião e gênero, a ser publicado no livro do Simpósio.

corpo trans\*,<sup>3</sup> o corpo ex-trans\*<sup>4</sup>, o corpo ex-ex- trans\*<sup>5</sup> e outros corpos entre-gênero<sup>6</sup>? À própria pessoa, a Deus ou ao Diabo?

Conheçamos, nos passos iniciais dessa trilha-texto, e afim de iluminarmos possibilidades de respostas, algumas concepções vindas de missionárias/os de “cura e libertação” de travestis. O

---

<sup>3</sup> O termo trans\* é utilizado internacionalmente como diminutivo de transgênero. Transgeneridade é entendida aqui como a condição sócio-política de transgressão de normas e convenções sociais esperadas a quem é outorgada/o de um determinado sistema sexo-gênero no nascimento ou gestação. Ou, como explica Leticia Lanz: “a não conformidade com a norma de gênero está na raiz do fenômeno transgênero, sendo ela – e nenhuma outra coisa – que determina a existência do fenômeno transgênero. A primeira coisa a se dizer sobre o termo ‘transgênero’ é que não se trata de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação e/ou discordância e/ou desvio e/ou não-conformidade com o dispositivo binário de gênero, presente em todas as identidades gênero-divergentes” (LANZ, 2014, p. 70). O contrário da condição de transgeneridade seria a da cisgeneridade: termo nativo utilizado por parte das pessoas trans\* (mas também por pessoas cis), seria a condição de quem se sente confortável com as expectativas binárias relacionadas ao sistema sexo-gênero designado ao nascer ou durante a gestação.

<sup>4</sup> Entendo ex-transgeneridade como a condição sócio-política de readequação às normas e convenções sociais, binárias, esperadas a quem é designada/o de um dado sistema sexo-gênero no nascimento ou gestação. Este termo diz respeito a uma série de identidades “ex”, como ex-travesti e ex-transsexual, por exemplo.

<sup>5</sup> A pessoa ex-ex-transgênera é aquela que, após ter destransicionado, resolve retransicionar. É o exemplo da pessoa que, outorgada “menino” ao nascer ou na gestação de sua mãe, não se sente confortável e resolve empreender uma jornada de adequação estética ao sexo/gênero de auto-identificação, como costuma ocorrer com pessoas transexuais e travestis. Em alguma etapa do caminho, essa pessoa resolve fazer uma engenharia reversa, destransicionando (tornando-se ex-travesti, por exemplo). E posteriormente, tal pessoa faz uma nova arquitetura de corpo, tornando-se novamente travesti (ou ex-ex-travesti). Esse movimento dinâmico pode ser realizado indefinidamente (ex-ex-ex-ex-travesti, por exemplo).

<sup>6</sup> Adotei o termo entre-gêneros ao perceber, dentre outras coisas, que muitas pessoas não se sentiam encaixadas em conceitos como transgeneridade, (ex)ex-transgeneridade e cisgeneridade, se percebendo em um lugar identitário distinto dos classificados através dessas expressões, ou em alguns casos, em nenhum lugar identitário no que se relaciona a gênero, como aparenta ser o caso de algumas das pessoas que entrevistei/acompanhei em campo. Outra razão pela qual entre-gêneros pode ser útil é a de que termos guarda-chuva como transgênero e trans\* não abarcariam, provavelmente, certas identidades associadas às mobilidades de gênero, como as identidades de retorno ou de (des/re)transição (como ex-trans\* e ex-ex-trans\*), nem outras situações de não- adequação à cisgeneridade, como as das pessoas que não se vêem nem cis, nem trans\*, nem ex-trans\*, e que ao mesmo tempo, também não se vem como agêneras, por exemplo. A expressão entregêneros pretende-se mais ampliada que transgeneridade ou trans\*, acolhendo quaisquer identidades, expressões e, ainda, situações que transgridam integral ou parcialmente, permanente ou momentaneamente, as normas sociais de gênero instituídas compulsoriamente e relacionadas à cisgeneridade/cissexismo. Acolhe por exemplo as identidades / expressões de pessoas ex-trans\* (e ex-ex-trans\*) ou de quaisquer pessoas que não se designam nem trans\* e nem cis ou de qualquer outra pessoa que não se identifique conforme o sistema sexo/gênero outorgado no nascimento, podendo ser consideradas também como não-cis. Mas como qualquer conceito, entregêneros serve mais para efeitos didáticos e heurísticos, provisórios e rasuráveis, não sendo suficiente para contemplar um infinito de alternativas identitárias possíveis (MARANHÃO F<sup>O</sup>, 2014).

primeiro exemplo vem de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, Amazonas, quando missionárias/os indígenas, especializadas/os em conversão de sexualidade e gênero de indígenas homossexuais e indígenas travestis explicaram: ‘Deus faz o corpo do homem mas influenciado pelo diabo ele vai e deforma. O corpo é possuído por pombagiras como a Sete Saias e a Lady Gaga’. Perguntados/as como aprenderam a relação entre alteração do corpo ou homossexualidade e influência de pombagiras demoníacas, um/a deles/as me disse ‘assistindo os vídeos de homens abençoados como o pastor Silas Malafaia e o pastor Marco Feliciano’<sup>7</sup>. Escutei concepções semelhantes de um/a missionário/a no AcampaMona, acampamento de “cura e libertação de travestis” ligado à uma missão evangélica do ABC Paulista: “este corpo é de Deus mas tá na mão do Diabo”<sup>8</sup>. Em outra narrativa no mesmo acampamento,

o travesti deforma o corpo e aí deforma o espírito. Deus fez o corpo e a alma dele dum jeito e ele altera, deforma tudo. Precisa reformar tudo de novo, cortar cabelo, tirar seio, mudar a vida pro espírito entrar no Reino dos Céus. Ele não pode ser salvo com o corpo deformado.<sup>9</sup>

Nas concepções de missionárias/os de “cura, restauração e libertação”, signatárias do que chamei provisoriamente de *teologia cishet-psi-spi* (MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2014, 2015b, 2015c, 2015e), ou seja, fundamentada nos pressupostos da cis/heteronormatividade e de concepções espiritualizantes (de caráter demonizador) e advindas das áreas psi, o corpo é *morada* de entidades como a Pomba-gira Sete Saias ou a Pomba-gira Lady Gaga. E ser possuída/o por tais entidades significa ter (d)efeitos no corpo e n’alma – que são reflexos um do outro. Deus cria um binômio corpo/alma, o Diabo deforma, mas a igreja está lá para auxiliar nas obras de reforma – corrigir a alteração corporal que reverbera no espírito. Mas como tais pessoas absorvem as declarações de que estão “possuídas pela pombagira Sete Saias?” ou que estão “deformadas e precisam reformar tudo?”<sup>10</sup> Como o *que é prescrito* atua em corpo/alma *proscrito/a*? Como tais pessoas leem e legitimam (ou não) sua identidade através do corpo?<sup>11</sup> Em alguns casos, tais pessoas se veem num *não-*

---

<sup>7</sup> Nota de caderno de campo. MISSIONÁRIA/O INDÍGENA A. e MISSIONÁRIA/O INDÍGENA B., entrevistas a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>8</sup> MISSIONÁRIA/O DO ACAMPAMONA B, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>9</sup> MISSIONÁRIA/O DO ACAMPAMONA C, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>10</sup> Escutei esse tipo de composição de frase diversas vezes durante o trabalho de campo em ministérios de “cura e libertação” de travestis e/ou de homossexuais.

<sup>11</sup> Realço que identidade e corpo, na maioria das concepções que escutei, não são coisas distintas. O corpo faz parte da identidade.



*lugar*: “não sei o que sou. O que eu sou?”.<sup>12</sup> Esta *situação não-binária* não é voluntária nem desejada/desejável.<sup>13</sup> Tal pessoa não consegue *ler* seu sistema sexo/gênero/corpo/alma nem *legitimar* sua experiência identitária pois *aprendeu* que esta *lhe* é impossível e/ou interdita. Tal vivência *lhe* é, então, ilegível e ilegítima.

Em outros casos, a pessoa parece ter maior ancoragem em relação à sua auto- percepção identitária: “meu sonho é ser mulher”, mas sabe que, por conta da iminente discriminação e intolerância, mesmo que se *aceite*, não deve se *assumir* perante as demais pessoas do coletivo. Claro que enunciações/descrições/prescrições que regem e *pregam* que a pessoa está com o *diabo no corpo* podem falhar, não surtindo os efeitos desejados pelas/os enunciantes/es. Se em um momento uma pessoa indígena que não se sente do sexo/gênero outorgado diz, por exemplo, “eles querem que eu morra e só fique aquele menino”, em outro, ela anuncia: “eles não param de pegar no meu pé aqui na cidade, mas eu ainda vou ser eu mesma”.<sup>14</sup> Mas o que significaria para esta pessoa *ser ela mesma*? Pelas conversas que tive com ela, diz respeito a não só sentir-se e aceitar-se mulher, mas expressar sua imagem feminina em coletividade – ou seja, a identidade, em casos como este, tem claros reflexos no corpo que é adornado e pode ser adequado de outras formas, como a partir de cirurgias estéticas.

Durante a tese/ensaio que escrevi, fui percebendo, nas narrativas colhidas, a recorrência das *vivências perpassadas pelo corpo*. Alguns eixos se destacaram: a conversão do corpo cis em corpo trans\* (como algo *bendito* ou como algo *maldito*); a *desconversão* do corpo trans\* em cis; a *reconversão* e *re/desconversão* de corpos trans\*, ex-trans\* e ex-ex-trans\*; e a metáfora da morte *transpassando* tais (*re/des*) conversões.<sup>15</sup> Sigamos alguns exemplos referentes ao primeiro ponto sinalizado, da *conversão* do corpo cisgênero em corpo transgênero como algo *malvisto* e, de certo

---

<sup>12</sup> INDÍGENA C., entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>13</sup> Tal situação, de certo modo, pode ser descrita como uma situação não-binária: “não sou homem e nem mulher” – lembrando que na não-binariedade há um espectro bem amplo de identidades, expressões e situações que ultrapassam uma declaração como “não sou homem e nem mulher”. A pessoa passar ou estar numa situação não-binária não quer dizer que ela tenha uma identidade não-binária. Ao contrário, tal situação pode evidenciar que a pessoa tem padrões binários fortemente constituídos e que se sente muito desconfortável e insatisfeita por não atender, em seu julgamento e/ou de outrem, a tais parâmetros.

<sup>14</sup> INDÍGENA D., entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>15</sup> Reforçando o que foi explicado, como ex-transgeneridade podemos considerar o caminho reverso à transgeneridade, aquele de (re) adaptação à cisgeneridade ou às expectativas referentes ao sexo-gênero que foi designado à pessoa no nascimento. (a pessoa cis é aquela confortável ao sistema sexo gênero que *lhe* foi designado).

modo, *maldito*.<sup>16</sup> O primeiro exemplo vem através de oração feita por um/a pastor/a no AcampaMona:

Deus, tu sabes que são homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal. Talvez a única diferença desses homens que aqui estão diante de nossos olhos, a um espetáculo estranho, bizarro aos nossos olhos ou aquilo que estamos acostumados, mas são homens que precisam da tua graça, são homens que precisam do teu amor. Tua igreja é uma agência de salvação de vidas, treinamento de perdidos salvos, ajuda-nos a viver essa realidade, Deus, toma conta. Você sabe das frustrações que tomaram conta das suas vidas.

Outro/a pastor/a, no AcampaMona, explicou:

muitos desses começaram sentindo prazer assim, os tios, os primos... eles não têm sentimento que estão sendo abusados, gerando sentimento no cara, mas quando ele cresce, quando ele recebe penetração ele continua sendo abusado até os 12 anos. Em outros casos também já estudado por mim a criança nasce com uma certa quantidade de hormônio feminino aí nesse caso ela tem formas diferentes, percebe o cheiro do homem diferente. Quando ela chega na puberdade começa a sentir igual mulher.<sup>17</sup>

Além disso,

eu conheço casos em que a criança foi oferecida quando bebê a um demônio para que quando ele completasse doze anos esse demônio dirigisse a vida dele. Especificamente era um demônio chamado pomba-gira. Um demônio que age na área sexual, na deturpação sexual, entendeu? (...) eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da pomba-gira, um tipo de pomba-gira. Aí levou a criança lá, a criança foi consagrada com 5/6 meses, o menino cresceu e depois de um tempo quando completou 12/13, ele cresce já diferente, cresceu cheio de trejeitos. Quando completou 12/13 anos foi buscar a experiência pessoal já buscou com homens, geralmente mais velhos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Nestes casos... o diabo é legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs. Ele vai ficar o tempo todo dizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim. Então ele vai ficar atrás perturbando e vai criar todas as possibilidades pra que a criança seja colocada dessa forma ou numa questão de abuso, de tudo mais, entendeu? Então existe o caso espiritual.<sup>18</sup>

Já para um/a missionário/a indígena de SGC,

tem diversos demônios. Eu tive a oportunidade de ver vários estudos de homens de Deus, como o pastor Marcos Feliciano, Malafaia e diversos outros. Diversos estudos mostram

---

<sup>16</sup> Não trabalho os demais pontos nesse texto, mas pretendo fazê-lo em outras ocasiões.

<sup>17</sup> PASTOR/A DO ACAMPAMONA B., entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>18</sup> Idem, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

que pro cara ser homossexual vem desde a infância, o que influencia muito isso é a própria televisão que é uma porta, uma janela aberta pra Satanás entrar na vida da pessoa.

Dentre tais entidades encontram-se entidades específicas como “o demônio Pomba-gira Lady Gaga”, que faz companhia a outras, mais recorrentes e igualmente nocivas:

o tranca-rua, exu caveira prejudicam muito a vida da pessoa homossexual, muito mesmo. Porque assim, se entra um pra fazer a cabeça do homossexual, aí dá brecha pra todos, entra o espírito da prostituição, entra da... de tudo, tudo que não presta. Por isso que a gente fala às vezes de legião. Tem uma legião, não é um só, são muitos, diversos. No caso dele que era travesti era mais forte, porque custou demais pra ele sair do corpo dele (referindo-se a uma travesti indígena).<sup>19</sup>

Além destas justificativas para as transgeneridades, e resumindo o que escutei durante meu trabalho de campo, nas concepções de missionárias/os de *conversão de sexualidade e gênero* de homossexuais e de travestis, as causas seriam trauma, abuso sexual, físico, emocional ou psicológico, rejeição, ausência dos pais, experiência homossexual na infância, ambiente escolar, sexo grupal ou com animais, consagração da pessoa a cultos afros, participação da pessoa em cultos afro, contato com pomba-giras, mídia, contato com ideologias gays ou travestis afirmativas, homônios do outro sexo – e às vezes, as causas seriam conjuntas.

Nestas concepções, em termos espirituais a pessoa é vista como *abominação a Deus e abandonada por Ele*, recebendo acolhimento do demônio em suas muitas moradas, em especial nas chamadas “casas de encosto” lideradas por “pais de encosto” (expressões usadas por evangélicas/os para se referirem a casas de santo e pais e mães de santo). Ora a pessoa é referida como consagrada ao capeta, ora como filha dele, ora como o próprio demônio – e isso se expressa no corpo *deformado*. O corpo trans\*, assim, é aquele a que se tem *desconfiança*, pois, originalmente *moldado por Deus*, foi *deformado* (o que afetaria n’alma), cabendo à Igreja auxiliar nas obras de reforma, que está na *transformação/desconversão* do corpo: a pessoa travesti que se torna *novamente homem* restaura identidade de corpo e alma e pode ser melhor aceita no porvir. Nessas concepções, é tudo uma questão de *corrigir o caminho*. Ou melhor, de conduzir a pessoa trans\* a Jesus, o *Caminho Encarnado*.

Aliás, é importante lembrarmos que dois momentos fundantes do cristianismo se relacionam ao corpo: a *encarnação* e a *ressurreição*. No que segue, e com o apoio de autoras/es que

---

<sup>19</sup> Idem, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

trataram da questão do corpo como caminho *de e para* Deus, façamos provocações superficiais envolvendo o corpo trans\* (ou ainda o ex-trans\*, o ex-ex- trans\* e outros corpos que podemos chamar transgêneros ou entre-gêneros).

### **Encarnação: Caminho, *descaminhos* e *recaminhos***

É instigante percebermos que a *desconfiança* que parte dos cristianismos tem recorrentemente em relação ao corpo, de diferentes formas, se conecta, de modo *aparentemente* ambíguo, ao fato do cristianismo se apresentar como uma religião de Encarnação, se inaugurando a partir da proclamação “a Palavra se fez carne”.<sup>20</sup> Resignificando a proclamação *a Palavra se fez carne*, as diversas *palavras* – ou anunciações/enunciações/descrições/prescrições – dos discursos cristãos podem promover na/o outra/o outras formas do *fazer-se carne*, cujo sentido é atravessado por *desfazeres e refazeres* da carne (e na carne), não só por devires como por *devoltares* e *revires* ou *revoltares*<sup>21</sup> identitários e corporais no Caminho; em *descaminhos*; e em *recaminhos*. Para Paul Scolas, o cristianismo, inaugurado n’a *Palavra se fez carne*, é uma tradição

relacionada com a carne, que não só evoca positivamente o corpo, mas também faz dele o próprio lugar da revelação e do encontro de Deus em favor do homem. [...] É um corpo humano que é aqui o lugar da suprema revelação; corpo entregue por nós; corpo que se rebaixa para lavar nossos pés, corpo humilhado e aviltado, corpo da dor até a angústia e inquietação diante de Deus; corpo em que o lado transpassado pela lança torna-se fonte de renascimento; corpo embalsamado para a sepultura; corpo desaparecido; corpo resuscitado que nos antecede diante de seu Pai e de nosso Pai (SCOLAS, 2009, p. 8).

O autor explica que

existe aí uma autêntica invenção cristã do corpo como lugar maior da revelação de Deus e da revelação do homem, uma invenção que por sua vez deve ser inventada, inventariada, desdobrada em seu poder revelador e libertador. Um trabalho assim de (re)-descoberta pode e deve constituir um contributo essencial para o esforço de proposta da fé em sua novidade radical, surpreendente e proveitosa para o homem e para o homem dos dias de hoje (Idem, 2009, p. 8).

---

<sup>20</sup> Neste sentido diz Paul Scolas que “o judeu-cristianismo se apresenta, com uma evidência nunca criticada, como sinônimo de uma abordagem de *desconfiança* do corpo e da carne. Surpresa porque, ao mesmo tempo, é fato incontestável que o cristianismo se apresenta como religião de Encarnação” (SCOLAS, 2009, p.n 7).

<sup>21</sup> *Devoltares* e *revoltares* são neologismos utilizados na tese/ensaio, “brincando” com o termo devires (MARANHÃO Fº, 2014).



Como sinalizado acima, no *decorrer* do texto, o corpo positivado – ao menos na maior parte das concepções dos cristianismos – é o corpo cisgênero. Mas porque somente o corpo cis seria palco da suprema revelação? O corpo trans\* não pode igualmente fazer parte da invenção de si mesma/o, com todo um potencial revelador/libertador/revolucionário e como redescoberta e novidade radical, proveitosa para quem o anseia? Tal corpo não pode ser a invenção mais autêntica de si mesma – autêntica quanto mais se parece com o que se sonha para si?<sup>22</sup>

Ainda sobre o corpo como *caminho de (e para) Deus*, Scolas comenta que Adolphe Gesché assim indagou:

como chegar a Deus pelo corpo? [...] Não é pelo nosso corpo (implicando sempre a carne) que vivemos e mantemos harmonia com as coisas e com os outros? Nosso corpo de prazer, como nosso corpo de sofrimento. Não poderíamos esclarecer toda essa questão em uma perspectiva teológica: como nos relacionamos com Deus pelo nosso corpo? [...] Se Deus desceu até nós mediante a Palavra que se fez carne, não podemos nós mesmos chegar até Deus por meio de nosso corpo e – suprema audácia – pelo seu corpo que ele nos dá? [...] O corpo, lugar do homem como nos ensina a fenomenologia (não é pelo corpo que vivemos e somos coniventes com as coisas e com os outros?), não seria o corpo também o (um) lugar de Deus (SCOLAS, 2009, p. 9-10).

Scolas explica que a concepção de Adolphe Gesché é a de

estudar o corpo como verdadeiro lugar teológico e mesmo como lugar teológico maior, a fim de manifestar simultaneamente como esse lugar central da revelação cristã de Deus o transforma em um lugar antropológico também maior (Idem, 2009, p. 10).

Para Joseph Famerée, questionar “o corpo, caminho para Deus?”, é tratar

de falar ‘teologicamente’ do corpo como caminho de nós até Deus e de Deus até nós. [...] precisamente, em consonância com a descoberta que a fenomenologia fez do corpo como lugar das relações com o outro, nossa intuição teológica confirma que o corpo é verdadeiramente um lugar privilegiado de encontro com Deus (FAMERÉE, 2009, p. 14).

Famerée também indaga:

---

<sup>22</sup> Faço aqui referência à personagem Agrado, do filme *Tudo sobre minha mãe*, de Almodóvar (1998), especialmente à sua fala “custa muito ser autêntica, senhora, e nessas coisas não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma”. Comentarei em trabalho posterior sobre como essa personagem pode inspirar reflexões sobre transgeneridade, ex-transgeneridade e ex-ex- transgeneridade. Na tese, aliás, utilizo personagens como DesAgrado, ReAgrado, PósAgrado, DesReAgrado (dentre outras) como metáforas para pensar situações de (re/des) engenharias de gênero (2014).

o corpo não seria um lugar de visita de Deus, e principalmente um lugar em que pudéssemos fazer vibrar em nós o seu encontro? Se Deus veio até nós pela Palavra que se fez carne, não poderemos também nós ir a Deus pelo nosso corpo? (Idem, 2009, p. 14).

Neste sentido – ainda *ressignificando* afirmações alheias para *repensar* meu campo de pesquisa, pergunto: se é pelo corpo, ou, como imagino, por qualquer corpo que chega-se a Deus, porque *deslegitimar* corpo *transicionado*, *destransicionado* ou *retransicionado*? Estes não são formas particulares da pessoa alcançar a divindade? Não seriam todos *caminhos e lugares* igualmente legítimos e autênticos? Ainda indago: e o corpo (ou seria um *não-corpo*?) da pessoa que *não se lê e não se legitima* em termos de sistema sexo-gênero, como da pessoa que estava no AcampaMona e não sabia explicar se era mulher, homem, travesti ou ex-travesti, dizendo: “o que eu sou? Não sou homem, não sou mulher, sou um monstro? Deus não vai me aceitar lá em cima com esse corpo”.<sup>23</sup> Se *corpos* como dessa pessoa, em algumas concepções, não são *lugar teológico* e nem espelham (mais) a revelação de Deus – ao menos na concepção de quem nisto crê – seriam *as almas* de tais pessoas *passáveis*<sup>24</sup> e passíveis de contato com Deus?

Parece que não. Este corpo (não-corpo?) reflete um Não-Lugar, não somente identitário, mas teológico, visto não possibilitar-se enquanto veículo de condução ao Supremo – é um *não-veículo*, é um *não-caminho*, ou *fim do caminho*... interrompido antes de se chegar ao objetivo *transcendente* final. A *desconfiança* com o corpo, supracitada, parece ter reverberações no que diz Famereé: “existem muitos cristãos que sentem dificuldade no que diz respeito ao corpo... é a própria cultura atual que impõe a tirania exclusiva do corpo belo por meio de mensagens e imagens publicitárias de um modo todo particular...” (FAMERÉE, 2009, p. 15). Talvez este seja o caso não somente de ministérios de “cura e libertação” de travestis, mas da sociedade em geral, que pensa como corpo potencialmente belo e autêntico o corpo cis (e hétero), (supostamente) moldado por Deus. Caberia perguntar, utilizando as palavras de Famereé:

se, em certas manifestações da tradição cristã, o corpo pôde ser concebido como obstáculo para alcançar a Deus, essas manifestações, aliás, muito frequentes, não seriam distorções da revelação de Jesus, devidas principalmente a influências culturais externas? (Idem, 2009, p. 15).

---

<sup>23</sup> PARTICIPANTE DO ACAMPAMONA, entrevista a Maranhão Fº, 2014.

<sup>24</sup> "Ser passável" é um termo nativo, utilizado comumente por pessoas trans\* para se referirem à situação em que são identificadas socialmente como pessoas cis e não como pessoas trans\*. Sobre o assunto, ler LANZ (2014).

No caso do ministério anônimo de conversão de travestis do ABC Paulista, que compôs parte de meu campo de observação, o *corpo cis é o caminho* e o lugar de encontro com Deus, a *transição é o obstáculo na jornada* e a *destransição* a limpeza do caminho. Ainda seguindo (me apropriando d)a trilha de Famereé acima (ou ressignificando a mesma), tais concepções não seriam distorções da revelação inclusiva e acolhedora de Jesus, ele mesmo Deus *travestido* homem na Encarnação, como já dizia Marcella Althaus-Reid, para quem deveríamos olhar embaixo das saias de Deus? Em caso afirmativo, Deus *se traveste*/utiliza o corpo humano como caminho/lugar para chegar à pessoa: *se fazer gente é caminho de Deus para chegar nas outras gentes*. Ou como diria Gesché, “a humanidade de Deus aguarda a Encarnação da Palavra para se manifestar, e a isso é que temos direito de chamar de corpo de Deus” (GESCHÉ, 2009, p. 49).

É a partir do próprio corpo – mas também do corpo da/o outra/o – que a pessoa se compreende (ou não), se aceita (ou se rejeita), se assume (ou não se assume, ou se *reassume*, ou se *desassume*). Em uma concepção mais conservadora em relação às corporeidades (cis/trans\*/extrans\*), localizar o corpo da/o outra/o – enunciá-lo, descrevê-lo, prescrevê-lo, normalizá-lo, normatizá-lo – pode fazer parte de um movimento de autolegitimação, autointeligibilidade e autolocalização do próprio corpo: localização/percepção de si mesma/o como pessoa encaixada em um determinado padrão, o de um Lugar Cis, muitas vezes em consonância com um Lugar Cristão – espécie de *Lugar Cis-Tão*. É um movimento em que a corporeidade alheia desenha a própria corporeidade e a própria corporeidade procura desenhar a corporeidade alheia – *desenho* (ou *tosco rascunho*) realizado através dos *pinçais da cisgeneridade e das tintas da binariedade*. A hipótese da inteligibilidade sobre si a partir da corporeidade alheia pode ser confirmada na própria *Encarnação de Deus em gente*: é através dela que a pessoa *entende Deus* – talvez até que Deus entenda a pessoa – e que, de algum modo, a pessoa *entende a si mesma*. A respeito da corporeidade no cristianismo, demonstrada na Encarnação, Famereé comenta que

a Palavra encarnada é que é para os cristãos o lugar teológico por excelência: é somente nele e por ele que podemos conhecer a Deus na verdade (não existe revelação de Deus mais expressiva do que a revelação corpórea); não só Jesus, em seu corpo de carne e sangue, é o caminho obrigatório para conhecer a Deus (“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim”, Jo 14:6), mas em singularidade corpórea ele é também o modelo para um modo humano de habitar em seu corpo e, mais globalmente, o cria com toda sua espessura e contingência inevitável (FAMERÉE, 2009, p. 30).

É possível relacionarmos o corpo cis encarnado – não do Deus feito pessoa mas da própria pessoa – como *invenção de si* – assim como o corpo trans\* desencarnado e o corpo ex-trans\* reencarnado<sup>25</sup> como não apenas reinvenções mas metáforas para a morte e a ressurreição? Seria o corpo trans\* uma *desconstrução*, e neste sentido, desvio ou *descaminho*; e o corpo ex-trans\* ou *recis* uma *reconstrução*, *recomeço*, *recaminho* ou *recondução* ao Caminho? É possível que o devir trans\* afeta o celeste porvir? De que formas?

Se há um *devir* (um vir-a-ser) trans\*, podemos pensar num *devoltar* cis (no caso da *des*-transição) e de um *revoltar* trans\* (no caso da *re*transição)? Seria cada (re/des) transição um apocalipse que conduz a uma *gênese* – uma *morte* necessária para um novo *natal*? Há caminhos válidos em detrimento de *descaminhos*? Ou toda forma de amor – e de corpo – vale a pena, sendo caminho igualmente válido para chegar ao Pai (ou seria à Mãe)? Se nossos corpos são *corpos-caminhos*, quem deveria decidir (alguém deveria?) sobre possíveis pontos de desvio ou de fuga – ou decidir sobre o devir ou o porvir?

Gesché recorda que “caminho permitido ou tornado possível”, o “nosso corpo é o mesmo que a Palavra de Deus tomou para vir a nós” (GESCHÉ, 2009, p. 46) e amparado no apóstolo Paulo, que “o corpo de Cristo (o corpo de Deus) se encontra também no corpo do próximo” (Idem, 2009, p. 52-53). Desta forma, quando a pastora transexual Alexya Salvador<sup>26</sup> diz que *Deus fez uma linda obra* em sua vida,<sup>27</sup> pode remeter ao verso “glorificai a Deus em vossos corpos (1 Cor 6:20)”, ou ainda “oferecei vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto verdadeiro (Rm 12:1)”? Versos como este podem servir não apenas a uma mulher transexual que, empoderada, é ungida pastora, como a quaisquer pessoas que *transicionam*, *des*-transicionam e/ou *retransicionam* seus corpos?

Depende da concepção teológica e do que se entende por corpo lícito, legível, legítimo e *santo* – e se tal corpo-caminho *pode ou não* (re/des) conectar a alma a Deus. Mas fica a questão: por que, se o corpo de Cristo está no corpo da/o próxima/o, para algumas pessoas cristãs parece *tão difícil aceitar a corporeidade alheia como autêntica* do modo como esta é definida pela/o outra/o, e igualmente caminho autêntico de (e para) Deus?

---

<sup>25</sup> Corpo *desencarnado* e *reencarnado*, aqui, são (outras) metáforas para corpos *des*transicionados e *re*transicionados, não possuindo nenhuma relação com concepções relacionadas à multiplicidade de vidas.

<sup>26</sup> Alexya, mulher transgênera e pastora da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) de Mairiporã, nos arredores da capital paulistana, é uma das principais fontes da tese (2014).

<sup>27</sup> SALVADOR, entrevista a Maranhão Fº, 2014.

### **Ressurreição: Caminho, *descaminhos* e *recaminhos***

Mas nem só de encarnação vive a/o cristã/cristão. A ressurreição dos corpos é também *crucial* na fé em Cristo. Acerca da ressurreição, Famerée nota que Jesus

mesmo ressuscitado, conserva ainda os estigmas dos sofrimentos que sofreu. Jesus passou pela experiência da corporeidade até o limite absoluto, até o último grau: a morte. E é do âmago dessa morte humana total, infligida injustamente, é do âmago dessa corporeidade morta (...) que ele foi reerguido pelo Pai na força do Espírito, recebendo uma nova corporeidade, um novo-corpo-no-mundo que um dia virá a ser o nosso mundo. [...] A ressurreição não é de maneira nenhuma abandono, mas sim transformação da corporeidade: a nossa corporeidade atual é renovada, recriada, porém sem deixar de ser ela mesma. [...] Como poderíamos nós estar no mundo, mesmo recriado, como poderíamos estar nos outros seres humanos, mesmo transfigurados, sem termos um corpo, como poderíamos estar em Deus hoje ou amanhã, sem um corpo? (FAMERÉE, 2009, p. 29).

Famerée indaga: “esse corpo ressuscitado não é também para nós, analogicamente, caminho de Deus, e caminho duas vezes?” (Idem, 2009, p. 30).<sup>28</sup> Ressignificando a ressurreição, poderíamos pensar a transição, a *destransição* ou a *re/destransição* como formas metafóricas de *ressuscitar a identidade*, inclusa neste corpo e alma<sup>29</sup> – ou (segundo algumas concepções) fazer viver a identidade, caso se considere que a pessoa só se consideraria viva a partir da *transição*, *destransição* ou *retransição*?

---

<sup>28</sup> Anne Marie Reijnen comenta, similarmente, que “o corpo é atraído para um além do corpo, graças à promessa da ressurreição” (REIJNEN, 2009), e “se de acordo com o cristianismo é a ressurreição, antes que a imortalidade da alma que prevalece, essa prevalência [...] significa uma transformação da parte de Deus, um ato re-criador por iniciativa divina, mais que uma permanência que seria própria da essência ou da natureza do princípio imaterial do ser humano. [...] tudo se encontra integrado na ressurreição, posto que existe uma relação essencial entre o que me escapa e a verdade última que me diz respeito” (idem, 2009, p. 220).

<sup>29</sup> A hipótese da identidade como uma conexão entre alma e corpo (MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2014) pode talvez ser reforçada por inferência de Maurice Merleau-Ponty, que contempla que “quer se trate do corpo alheio quer do meu próprio corpo, não disponho de nenhum outro meio para conhecer o corpo humano a não ser o de vivê-lo, ou seja, assumindo por minha conta o drama que o atravessa e me confundindo com ele. Assim, sou meu corpo pelo menos em toda a medida de uma experiência, e reciprocamente meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório do meu ser total” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 231, *apud* FOCANT, 2009, p. 179). Em sentido similar, Jean-Luc Nancy propõe uma reflexão sobre o corpo que se conecta com a noção de alma: “a alma [em todas essas ‘figuras’ de nossa tradição] não representa nada mais que o corpo, mas o corpo fora de si, ou este outro que o corpo é para si mesmo e em si mesmo, por estrutura”. Além disto, “a alma é a diferença do corpo considerado em si mesmo” (NANCY, 2000, p. 113, *apud* FOCANT, 2009, p. 179). Tais inferências relacionadas ao corpo como esboço do ser total podem sinalizar para a hipótese que lancei anteriormente, de uma junção entre corpo e alma que pode se coadunar com uma determinada concepção de identidade.



Quando Alexya diz que Deus fez uma linda obra em sua vida a partir do momento em que ela transiciona, ou quando missionárias/os de “cura e libertação” de travestis falam que Deus fez uma linda obra na travesti que volta a ser homem (ou *destransiciona*), e que quando a pessoa deforma o corpo, ela deforma a alma, e para isso precisa da intervenção da igreja na reforma, ressalta-se a possível equação corpo + alma = identidade. Tais concepções podem ser conectadas à inferência de Anne Marie Reijnen, que lembra que “para o cristão, o corpo é o canteiro de obras no qual pode operar-se uma redenção” (REIJNEN, 2009, p. 204) – mas claro, dependendo da concepção, também pode operar-se uma perdição ou danação. Para Reijnen,

o corpo constitui o lugar de encontro com o Outro divino. Na economia cristã, ousamos até dizer que o corpo constitui o lugar único em que o ser humano realiza a experiência do Deus Criador, de Jesus, o Filho reconhecido como Cristo, e do Espírito Santo, “que vivifica”. [...] O corpo não é só um caminho de Deus para o ser humano e da criatura para o seu Senhor: é a encruzilhada dessa dupla caminhada (Idem, 2009, p. 205).

Para a autora, “a teologia deseja pensar que a carne é trabalhada como a massa para produzir o pão divino” (Idem, 2009, p. 206). Neste sentido, ela cita Xavier Lacroix, para quem “somos carne, mas somos chamados a nos tornarmos corpo. [...] Ser corpo é fazer corpo” (Idem, 2009, p. 205). Este *fazer corpo* pode remeter à ideia de um *devir trans\**, ou brincando com as palavras, um *devoltar cis* no caso de ex-travestis, e um *revoltar trans\**, ou mais especificamente um *revoltar travesti*, no caso de ex-ex- travestis?

O corpo, para Reijnen, é também “capax legis, e por essa expressão entendo que o corpo é feito como o campo de decisões e ações interpretadas quer como atos de obediência, quer como atos de transgressão das leis ou da Lei.” (Ibidem, 2009, p. 210). A isto podemos relacionar as falhas e sucessos das enunciações performativas (Butler, 2003) que procuram reger o corpo alheio e as diversas concepções acerca do corpo como condutor à salvação.<sup>30</sup> Como indaga Camille Focant,

seja no evangelho, seja nas cartas de Paulo, vê-se que a salvação cristã não é evanescente nem situada fora do corpo; o corpo desempenha um papel primário na salvação, porque

---

<sup>30</sup> Apontando para o que podemos entender como o poder da enunciação e validação institucional, assim define Louis-Marie Chauvet; “toda a tradição cristã, a começar pela tradição bíblica, mostra que o caminho privilegiado da relação com Deus não é o de “ver”, mas o de “ouvir” (CHAUVET, 2009, p. 127). Neste sentido, é possível pensarmos que a voz de Deus que (in suposto) ecoa na voz das pessoas (sobretudo na dos homens cis) se reveste da autoridade e sacralidade necessária para se fazer legítima, autorizada e crível: interpelações fundantes e enunciações performativas quando vindas de autoridades eclesiais podem revestir-se de especial autoridade, ainda que seus feedbacks possam revestir-se de sucessos ou de falhas.

como seria possível caminhar a passos largos pelo caminho de Deus? (FOCANT, 2009, p. 172).<sup>31</sup>

A esta pergunta pode-se anexar outra: a pessoa que (re/des) transiciona seu corpo pode, na concepção de determinadas/os cristãs/cristãos, como de missionárias/os de “reversão da travestilidade e homossexualidade”, caminhar a passos largos (ou mesmo estreitos) rumo à salvação? De que afinal se trata o corpo? Do corpo outorgado em um dado sistema sexo/gênero? Do corpo de identificação – o de reinvenção? Do corpo que *destransicionou* e se reinventou mais uma vez (como no caso de ex-travestis)? Do corpo que *retransicionou* e inventou-se novamente (caso de ex-ex-travestis)? Enfim, quais corpos podem e quais não podem? *A quem pertence* o corpo trans\*, o corpo ex-trans\*, o corpo ex-ex-trans\*? E o corpo da pessoa que, não sendo cis (ou seja, não se sentindo confortável com o sexo/gênero de outorga no nascimento ou gestação), ao mesmo tempo não se percebe nas outras “categorias” acima citadas (trans\*, ex-trans\*, ex-ex-trans\*)?

Corpo cis, corpo trans\*, corpo ex-trans\*, corpo ex-ex-trans\* e qualquer outro corpo *ressuscita e/ou é salvo* da mesma forma? Eis um *mistério* que provavelmente nunca saberemos – ou talvez melhor expondo, provavelmente nunca saberá quem crê na ressurreição e salvação de corpos e d’almas. Reijnen recorda que

para o cristianismo, o corpo é o lugar (ou o canteiro de obras) de um trabalho no mais íntimo, que foge, em parte, ao que dele posso conhecer, e, no entanto, é o mesmo corpo, o corpo semeado animal que é prometido à glória do corpo escatológico, o corpo ressuscitado espiritual (1 Cor 15: 44) (Ibidem, 2009, p. 220).

Reijnen ainda lembra a frase de Martin Buber, “das ende alle wege Gottes mit den Menschen ist der Leib”, ou “o corpo é o fim e a finalidade de todas as caminhadas de Deus com o ser

---

<sup>31</sup> Focant explicita que a salvação se relaciona ao corpo, o que pode ser percebida da Encarnação à ressurreição: “a salvação escatológica exprime-se por meio dos corpos, tocando-os e tornando a inseri-los na sociedade humana, o paradoxo da salvação é esclarecido pelo próprio corpo de Jesus. Na verdade, esse corpo suporta todo tipo de maus-tratos na Paixão e, ao mesmo tempo, é o corpo da Transfiguração. Esse corpo dado na Ceia é digno de ser distinguido com a unção fúnebre antecipada. E esse corpo, no qual se traduz a angústia extrema da agonia no Getsêmane e do sentimento de abandono na cruz, é ao mesmo tempo o corpo da ressurreição que antecipa a repetição do anúncio do Reino de Deus” (idem, 2009, p. 172). Além disto, “em sua reflexão, Paulo não negligencia o corpo. Para ele, o corpo humano merece todo o respeito, porque é templo do Espírito. Somos chamados a formar o corpo de Cristo e a nos tornarmos corpos pneumáticos ou espirituais. Essa transformação já se iniciou, mesmo que a criação ainda sofra as dores de parto. Essa transformação é chamada a se realizar em toda sua plenitude no momento da nossa ressurreição” (ibidem, 2009, p. 172).

humano” (Ibidem, 2009, p. 220). Complementando, talvez todo corpo possa ser considerado campo de obras de e para Deus, e corpo-caminho, conectado à alma e ao encontro de Deus. Ou ao encontro do que a pessoa quiser (ou não) crer – sendo ela respeitada em suas (des) crenças religiosas e/ou genericadas como ela deve ser, sem a imposição de regras de conduta demonizadoras, psiquiatrizantes, patologizantes, e pecadologizantes. Corpos podem ser vistos então como conectados às almas (e corpo + alma como constitutivos da identidade), lugares (ou entre-lugares, ou não-lugares), caminhos (ou descaminhos, ou recaminhos), devires (ou devoltares, ou revoltares), mas também podem, por “fim”, serem vistos como campos. Não só de obras. Mas de batalha. Sigamos para breves reflexões.

### **O corpo: de (re/des)caminho e campo de obras a campo de batalhas**

Pensando especificamente em um dado cristianismo, Érica Ferreira da Cunha Jorge destaca que o leit motiv da teologia pentecostal é a “incorporação da batalha sagrada nos corpos biológicos” (JORGE, 2013, p. 600). Podemos in(ter)ferir que no caso de muitas pessoas trans\* e ex-trans\*, ao menos das que passam por modificações corporais (nem todas passam), tal batalha – *sagrada* – se dá em seus corpos (re/des) transicionados / (re/des) convertidos.

Em muitos discursos, como nos de ministérios de “resgate e restauração da sexualidade”, o corpo trans\* é relacionado à demonização, que por sua vez, é recorrentemente associada às religiões afro-brasileiras, consideradas *local original* do corpo trans\* e *caminho para a perdição*; enquanto o corpo ex-trans\* (ou novamente cis) relaciona-se ao *retorno ao local sagrado e caminho perfeito* do corpo nos moldes de Deus – relacionados ao “corpo original de fábrica”. Prossigamos refletindo a partir de outras/os autoras/es. Ana Keila Pinezi e Geraldo Romanelli consideram que no caso dos presbiterianos, por exemplo, cuidar do corpo significa

respeitá-lo como templo do Espírito Santo. O corpo está relacionado ao futuro celestial, e não ao presente aqui na Terra (...) o corpo, desvalorizado pelo seu caráter mortal em contraposição à alma imortal, é também o meio pelo qual o pecado se manifesta. Por definição, o corpo ou a carne consiste, para os protestantes históricos, em algo ruim e sujeito ao pecado. Somente uma alma purificada mostra-se capaz de tornar o corpo bom, produtor de atos que agradem a divindade. Não por acaso há regras tácitas, e mesmo explícitas, de como o fiel deve lidar, por exemplo, com a sua sexualidade (PINEZI; ROMANELLI, 2003, p. 71-72).<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Como também ressalta Valdevino de Albuquerque Júnior comentando sobre os pentecostalismos, “o corpo é receptáculo do sagrado”, e “o que salta aos olhos no pentecostalismo é a leitura bíblica trazida à

Provavelmente haja menor repúdio ao corpo entre as/os neopentecostais, como assinalaram Pinezi e Romanelli – desde que tal corpo, claro, não seja um corpo trans\*: caso seja, o mesmo sofrerá, ao menos de modo geral, diversas sanções e estímulos a destruição / desconversão.

Não somente entre presbiterianas/os e neopentecostais, para grande parte das/os evangélicas/os o corpo trans\* tem como causa a experiência em religiões afro-brasileiras, como mencionado acima. Este corpo é produto de um mix de patologização e pecadologização, sendo visto como potencialmente doente e tomado pelo demônio. Ainda sobre as tensões entre pentecostalismos e religiões afro-brasileiras, Jorge contempla que

o conceito de saúde ou a forma com que a mesma é visto pelos neopentecostais possui íntima vinculação com o afastamento ou aproximação dos espíritos malévolos. Ter saúde, na vida e, inclusive, no próprio organismo biológico depende, também, desta limpeza espiritual (JORGE, 2013, p. 601).

Jorge entende que em tais concepções, a saúde do corpo relaciona-se diretamente à purificação da alma, como ressaltara Pinezi e Romanelli, ou ao que ela chama de *limpeza espiritual*. Podemos perguntar: é possível que, como corpo e alma de adeptas/os de religiões afro-brasileiras costumam ser entendido/a por muitas/os evangélicas/os como doentes, provavelmente esta seja uma motivação para que corpo e alma de pessoas trans\* (que em alguns casos passam por religiões afro-brasileiras) sejam concebido/a como patológico/a?

Longe de responder a essa ou a qualquer outra indagação / provocação desse texto, realço que algumas das narrativas e considerações aqui apresentadas demonstram que muitas vezes discursos teológicos auxiliam no (re/des)fazimento de corpos (e nessas concepções, também de almas). Ainda que nesse texto isso não tenha sido claramente apresentado, é importante realçar que as (re/des)carpintarias generificadas/religiosas de pessoas trans\*, ex-trans\*, ex-ex-trans\* e em outras situações identitárias de não-conformidade à cisgeneridade ocorrem *em conexão com a agência das próprias pessoas*: é necessário também atentar *ao que as pessoas fazem* do que tais discursos *fizeram* (ou *não conseguiram fazer*) delas – e onde elas se situam após o impacto dos

---

prática da igreja de modo a reafirmar a postura hermenêutica que estabelece o corpo como território demarcado pela divindade como sua propriedade (...) pois se o corpo é de Deus, o Todo-Poderoso faz dele e nele o que quiser” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 360). Nas concepções que escutei em campo, se o corpo é de Deus, o Todo-Poderoso pode inclusive modificá-lo, o que pode significar transicioná-lo, des-transicioná-lo ou retransicioná-lo – o importante é o oleiro moldar o vaso e habitar o templo.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

mesmos em seus corpos e almas que podem ser considerados metaforicamente caminhos, *descaminhos*, *recaminhos*; devires, *devoltares*, *revires*, *revoltares*; lugares, não-lugares e/ou entre-lugares de *(re/des)encontro* (ou não-encontro) com o Sagrado e/ou com o *(des)regrado*; templos *(re/des/não)construídos*; campos de obras realizadas (ou não) e de batalhas *(re/des)encampadas*. Encaminhem-nos, agora, para algumas considerações inconclusivas.

### **Considerações inconclusivas**

Pensando em *palavras que caminham para se tornar carne* (ou são materializadas quando expressas / impressas), este ensaio de ideias *(re/des)encarnadas*, (talvez também *[des]encontradas* ou *[des]conectadas*), que ressuscitaram de minha tese para esse texto, procurou apresentar, superficialmente, algumas das formas como pessoas trans\*, *ex-trans\** e *ex-ex-trans\** (e em outras situações de gênero que podemos provisoriamente chamar de *entre-gêneras*) peregrinam por ambientes religiosos/generificados/sexuais e *(re/des) convertem* seus corpos e almas, muitas vezes *linkadas* com discursos religiosos/generificados/sexuais.

Como um trabalho de história das religiões e religiosidades associado a estudos de gênero e relacionado a uma história do tempo imediato, nada aqui se pretende conclusivo. A única coisa certa é que muito mais poderia ter sido melhor dito e que esse texto merece reparos, restaurações e indicações de novos trechos e vias. Mas convido todo mundo para o *campo de obras* e o *campo de batalha*, pacífica e proficiente, contra quaisquer tipos de intolerâncias, e pela preservação do direito de toda pessoa se sentir próxima à divindade, ao ateísmo, ou do que ela quiser, com o corpo/*(re/des)caminho* que ela tiver ou quiser ter.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Valdevino de. “Um ‘ballet do Espírito’: breve reflexão sobre corporeidade e Pentecostalismo”. In: MARANHÃO Fo, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). **Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR: Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas**. São Paulo, ABHR, 2013. pp. 359-373.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.



SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUVET, Louis-Marie. “Os sacramentos ou o corpo como caminho de Deus”. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

FAMERÉE, Joseph. O corpo, caminho de Deus. A problemática. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

FOCANT, Camille. Metamorfoses dos corpos. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

GESCHÉ, Adolphe. A invenção cristã do corpo. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_; SCOLAS, Paul (org.). **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

JORGE, Érica Ferreira da Cunha. “Corpo e saúde: uma perspectiva comparada entre religiões afro-brasileiras e neopentecostais”. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). **Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR, 1º Simpósio Internacional da ABHR: Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas**. São Paulo, ABHR, 2013. pp. 594-603.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **A grande onda vai te pegar: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. “A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (Re/des)fazendo gênero no Alto Rio Negro”. In: **Mouseion** (UniLasalle), v. 22, pp. 151-175, 2015a.

\_\_\_\_\_. “Apresentando notas sobre (re/des)empoderamento de pessoas transgêneras e ex-transgêneras a partir de discursos religiosos e de gênero”. In: **Oralidades**. São Paulo: USP, v. 13, 2015.

\_\_\_\_\_. “Educar corretamente evitando aberrações’: discursos punitivos/ discriminatórios sobre homossexualidades e transgeneridades”. In: **Paralellus**. Recife, v. 6, n. 12, pp. 187-200, jan./jun. 2015b.

\_\_\_\_\_. “É prá baixar o porrete! Notas iniciais sobre discursos punitivos- discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades”. In: **Mandrágora**. São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015c.

\_\_\_\_\_. “Falaram que Deus ia me matar mas eu não acreditei’. Intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica”. In: **História Agora**. v. 1, p. 198-216, 2011a.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

\_\_\_\_\_. "Jesus me ama no dark room e quando faço programa": narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). *Polis e Psique*, v. 3, p. 221-253, 2011b.

\_\_\_\_\_. "Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem". O primeiro Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI". In: **Revista Jesus Histórico e sua Recepção**. v. 22, p. 129-149, 2015d.

\_\_\_\_\_. "Me adiciona?/Pode entrevistar pelo Facebook? (Re/des)conectando procedimentos operacionais através de etnografia, história oral e observação ciborgues". In: **Paralellus**. Recife, v. 7, n. 13, no prelo b.

\_\_\_\_\_. "Que sejam atendidos bem longe da gente, porque aqui não dá" – intolerâncias em relação a diversidades sexuais e de gênero. In: BRONSZTEIN, Karla Regina Macena Pereira Patriota; MARANHÃO Fo, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). **Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias** (Vol. 1). Coleção 2o Simpósio Nordeste da ABHR. Recife: ABHR, ABHR Nordeste, 2015e.

\_\_\_\_\_. **(Re/des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. "Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans\* e ex-trans\* em (re/des)caminhos de gênero, corpo e alma". In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo: ANPUH, Ano VIII, n. 24, p. 197-219, 2016.

\_\_\_\_\_. "Uma igreja dos Direitos Humanos onde promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado": notas iniciais sobre a identidade religiosa da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)". In: **Mandrágora** (São Bernardo do Campo), v. 21, pp. 05-37, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

NANCY, J.-L. "De l'âme". In: **Corpus**. Paris: Métaillié, col. "Sciences humaines", 2000.

PINEZI, Ana Keila; ROMANELLI, Geraldo. "O Mal Exorcizado: cura divina entre os neopentecostais da Igreja Internacional da Graça de Deus". In: **Impulso**, v.14, no 34, pp. 65-74, 2003.

REIJNEN, Anne Marie. "O corpo, canteiro de obras da redenção". In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

SCOLAS, Paul. "O corpo, caminho de Deus, ou a invenção cristã do corpo". In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.